

## **TANIA HORTA E O CENTRO DE ATIVIDADES DO SESI, CRATO-CE, BRASIL:**

Gênero e Lugar na Historiografia da Arquitetura  
Moderna Brasileira

*TANIA HORTA AND THE SESI ACTIVITIES CENTER, CRATO-CEARÁ, BRAZIL:  
Gender and place in the historiography of brazil's modern architecture*

*TANIA HORTA Y EL CENTRO DE ACTIVIDADES SESI, CRATO-CEARÁ, BRASIL:  
Género y lugar en la historiografía de la arquitectura moderna brasileña*

### **HÉVILA RIBEIRO**

*Arquiteta e urbanista, mestranda no Programa de Pós-Graduação de  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU-  
UFPB). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível  
Superior, CAPES, Brasil.  
hevilacr@hotmail.com*

### **WYLNNA VIDAL**

*Doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora adjunta do Departamento  
de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, colaboradora do Programa de Pós-  
Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB, pesquisadora vinculada  
ao Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM-UFPB).  
wylnna.vidal@academico.ufpb.br*

### **ADRIANA LEAL DE ALMEIDA**

*Doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora adjunta do Departamento  
de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, pesquisadora vinculada ao  
Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM-UFPB).  
adriana.leal@academico.ufpb.br*

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar a arquiteta carioca Tania Horta e o seu projeto para o Centro de Atividades (CAT) do Serviço Social da Indústria (SESI) na cidade do Crato – CE (1973). Propõe-se uma perspectiva a partir de duas “margens”: a de gênero, com a invisibilidade das mulheres na historiografia; e a da produção da arquitetura moderna no sertão nordestino. As soluções empregadas no projeto do CAT SESI permitem estabelecer pontos de contato disciplinares com outras obras realizadas entre as décadas de 1960-1970, com uma arquitetura caracterizada pela racionalidade construtiva, em diálogo com a industrialização da construção civil. Em 1979, a revista AB Arquitetura apresentou o projeto ao público especializado. Considerando que se trata de uma divulgação pontual, busca-se, a partir da análise da documentação disponível sobre o projeto e do acervo e relatos da arquiteta, trazer para o âmbito acadêmico a oportunidade de retirar a sua trajetória do anonimato. A mulher arquiteta e o edifício moderno no sertão nordestino, vistos em conjunto, apontam para

a necessidade de ampliar o olhar sobre as margens, sinalizando um potencial de pesquisa para o campo disciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** difusão da arquitetura moderna brasileira; mulheres arquitetas; Cariri.

#### ABSTRACT

*This article aims to present the carioca architect Tania Horta and her project for the Activity Center (CAT) of the Social Service of Industry (SESI) in the city of Crato - CE (1973). A perspective is proposed from two "margins": gender, with the invisibility of women in historiography; and the production of modern architecture in the northeast region of Brazil. The solutions employed in the CAT SESI project make it possible to establish disciplinary points of contact with other works carried out between the 1960s and 1970s, with an architecture characterized by constructive rationality, in dialogue with the industrialization of civil construction. In 1979, AB Arquitetura magazine presented the project to the specialized public. Considering that this is a one-off publication, based on the analysis of the available documentation on the project and the architect's collection and reports, we seek to bring to the academic sphere the opportunity to remove her trajectory from anonymity. The woman architect and the modern building in the northeast region of Brazil, seen together, point to the need to broaden the look on the margins, signaling a research potential for the the disciplinary field.*

**KEYWORDS:** diffusion of brazil's modern architecture; women architects; Cariri.

#### RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo presentar a la arquitecta carioca Tania Horta y su proyecto para el Centro de Actividades (CAT) del Servicio Social de la Industria (SESI) en la ciudad de Crato - CE (1973). Se propone una perspectiva desde dos "márgenes": el género, con la invisibilidad de la mujer en la historiografía; y la producción de arquitectura moderna en el Nordeste de Brasil. Las soluciones empleadas en el proyecto CAT SESI permiten establecer puntos de contacto disciplinares con otras obras realizadas entre los años 60 y 70, con una arquitectura caracterizada por la racionalidad constructiva, en diálogo con la industrialización de la construcción civil. En 1979, la revista AB Arquitectura presentó el proyecto al público especializado. Considerando que se trata de una publicación puntual, a partir del análisis de la documentación disponible sobre el proyecto y la colección e informes de la arquitecta, buscamos llevar al ámbito académico la oportunidad de sacar su trayectoria del anonimato. La mujer arquitecta y el edificio moderno en el interior del noreste, vistos juntos, apuntan a la necesidad de ampliar la mirada en los márgenes, señalando un potencial de investigación para el campo disciplinar.*

**PALABRAS CLAVES:** difusión de la arquitectura moderna brasileña; mujeres arquitectas; Cariri.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a trajetória da arquiteta carioca Tania Horta e o projeto de sua autoria para o Centro de Atividades do Serviço Social da Indústria (SESI), inaugurado em 1973, em Crato-CE. Resulta de uma pesquisa mais ampla, em desenvolvimento no âmbito da pós-graduação, que tem se debruçado sobre a chamada "difusão" da arquitetura moderna na região do Cariri cearense. O interesse pelo recorte aqui apresentado decorre de inquietações que vão além do estudo sobre a produção de arquitetura moderna fora dos grandes centros, tornando imprescindível incluir neste debate sobre o lugar, a discussão de gênero. Partindo de documentação referente ao projeto do edifício, visita in loco e do contato com a autora do projeto, pretende-se colaborar para a revisão da historiografia da arquitetura moderna brasileira, na medida em que associa dois objetos "às margens" dessa historiografia: a mulher arquiteta e o projeto de um edifício moderno no sertão nordestino de sua autoria.

Segundo Lima (2019), a ideia de "margens" foi usada pela argentina Marina Waisman (1920-1997) para discutir a importância da formulação de instrumentos historiográficos apropriados para a compreensão das realidades latino-americanas. Propôs a desmontagem da historiografia que as coloca como marginais e valoriza a arquitetura e o urbanismo desenvolvidos em países europeus e nos Estados Unidos. A posição "à margem" também foi utilizada por Gwendolyn Wright no capítulo *On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture*, do livro **The Architect: Chapters in the History of the Profession** (1977). Wright detectou que os termos pelos quais os arquitetos homens são reconhecidos e valorizados em sua profissão empurram para as margens as mulheres, quando vistas pela mesma ótica. Ambas as autoras propõem a desmontagem dos sistemas tradicionais para a compreensão de realidades particulares (LIMA, 2019).

Perrot (2007) considera que a invisibilidade da mulher na história ocorreu, em primeiro lugar, porque eram menos vistas nos espaços públicos, confinadas em casa, a serviço da família. O relato da história constituída pelos primeiros historiadores gregos ou romanos diz respeito à vida nos espaços públicos, as guerras, os reinados. O mesmo ocorreu com as crônicas medievais: os santos evangelizam, viajam; as mulheres preservam sua virgindade e rezam ou alcançam a glória do martírio.

Até o século XIX as mulheres eram rigorosamente limitadas ao espaço doméstico, privado. Os homens eram responsáveis pelo trabalho remunerado e exerciam uma vivência social e política nos espaços públicos. No século XX, no entanto, diante de uma nova demanda capitalista e da necessidade de expansão do mercado de trabalho, as mulheres passaram a se inserir cada vez mais na esfera pública (ADAME, 2020).

Para Perrot (2007), diversos fatores científicos, sociológicos e políticos contribuíram para a emergência do objeto "mulher" nas ciências humanas e na história. Destaca-se a presença das mulheres nas universidades na década de 1970, como estudantes e docentes, depois de terem sido "indesejáveis" por muito tempo.

No âmbito da historiografia da arquitetura moderna brasileira, identifica-se a mesma tendência de invisibilidade das mulheres. Fontes (2016) aponta algumas constatações: a quase inexistência de figuras femininas na reconstituição dos processos históricos, a construção de narrativas

centradas em determinados indivíduos e a invisibilidade de outros agentes. Dentre as exceções, destacam-se Lina Bo Bardi e Carmen Portinho, cujas trajetórias compõem na historiografia recente, ainda que no caso de Lina Bo Bardi já estivesse presente no livro de Mindlin (1956) e em revistas especializadas da área.

Alguns estudos têm avançado no olhar sobre a produção feminina no Nordeste, a exemplo dos trabalhos de Adame (2016), Martins (2019), Naslavsky, Silva e Valença (2019), Porto (2021) e Naslavsky e Gáti (2021), que de certa maneira dão suporte para a leitura que se pretende realizar sobre a experiência pontual de Tania Horta no sertão nordestino.

A margem das margens, a ausência, não diz respeito somente às arquitetas, mas também à produção moderna de regiões ditas “periféricas”. Enquanto a arquitetura moderna nacional experimentou o auge do reconhecimento no debate internacional (1942-1960), o Nordeste brasileiro permaneceu quase ausente da historiografia nacional (NASLAVSKY, 2014).

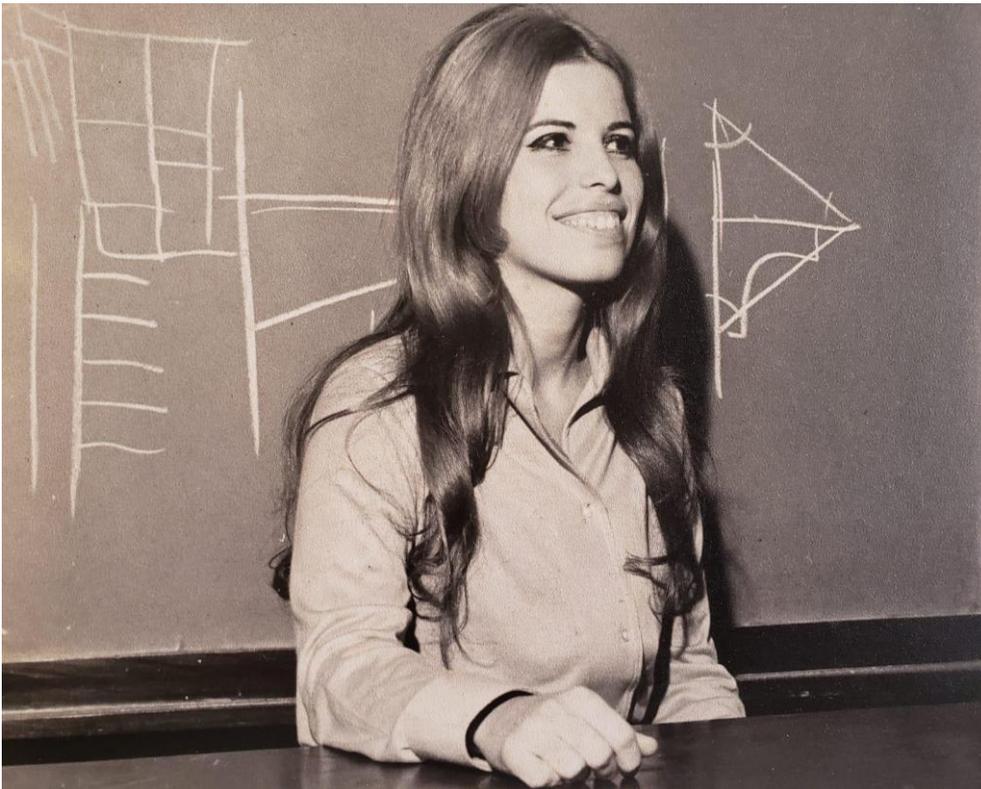
No que tange o acervo arquitetônico do SESI no Nordeste, foram identificados os trabalhos de Cotrim (2011) sobre o edifício sede da FIEP/SESI/SENAI (1978-1983) em Campina Grande-PB, projetado pelo arquiteto carioca Cydno Ribeiro da Silveira, e o de Paiva, Cereto e Teixeira (2020) sobre o Clube do Trabalhador e Escola de Música do SESI (1977-1980) em Fortaleza, com maior enfoque na participação do arquiteto Severiano Mário Porto. Todos, trabalhos que centram a atenção no objeto arquitetônico, mas que, se reunidos, poderão contribuir para o início de um estudo mais amplo sobre as realizações destes órgãos.

Nesse sentido, a trajetória de Tania Horta e o projeto do CAT SESI em Crato-CE, vistos em conjunto, apontam para a necessidade de ampliação do olhar sobre as margens, sinalizando um potencial de pesquisa para o campo disciplinar. Sem a pretensão de aprofundar estas dimensões, o artigo, apoiando-se nos relatos da arquiteta<sup>1</sup>, centra-se, inicialmente, na apresentação de sua trajetória, no intuito de compreender o contexto de sua formação e atuação, ressaltando os desafios de inserção da mulher no mercado de trabalho no final dos anos 1960. Em seguida, considerando o conjunto do SESI como obra de referência da arquiteta e exemplar da arquitetura moderna na região, procede-se à leitura do edifício a partir de documentos da EMPREC, empresa de engenharia responsável pela construção do edifício, dos desenhos, memorial descritivo e fotografias cedidos pela autora e das informações publicadas na revista **AB Arquitetura** (1979).

## **A ARQUITETA TANIA HORTA**

Filha de pais mineiros, Tania Alves Horta (Figura 1) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em meados da década de 1940. Desde pequena tinha forte ligação com as artes, fazia esculturas de giz, tocava piano e compunha poesias. Durante o colégio destacou-se nas ciências exatas e apresentava talento no desenho. Na família, Horta foi influenciada pela presença do seu tio, o arquiteto Manoel Martins da Silva, que se destacou no design de objetos, troféus e mobiliários.

Figura 1: Foto de formatura da arquiteta Tania Horta, 1968.



Fonte: Acervo Tania Horta.

Em 1964, incentivada pela mãe a seguir uma profissão, Horta prestou vestibular para arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), obtendo o segundo lugar na classificação geral, o primeiro foi ocupado por Maria Tereza de Almeida Fernandes. As turmas de arquitetura da UFRJ, anteriores à de Horta, eram numerosas. A arquiteta carioca Nícia Bormann, diplomada pela mesma instituição em 1964, relatou, para o trabalho de Martins e Diógenes (2014), que as turmas tinham cerca de 120 alunos e eram constituídas predominantemente por homens, a quantidade de mulheres não ultrapassava 10% deste número.

Segundo Horta, a sua turma foi possivelmente a mais numerosa, mas a quantidade de homens continuou superior à de mulheres. O então presidente João Goulart (1961-1964) dobrou a quantidade de vagas, chegando a 400 alunos aprovados naquele vestibular para arquitetura e urbanismo. Tal fato levou à necessidade de divisão de turmas em determinadas disciplinas, mas permitiu um maior acesso ao ensino superior.

Muito ativa na vida acadêmica e com boas notas, Tania Horta fez parte do diretório acadêmico e de movimentos políticos internos contra a ditadura militar. Quando questionada se sentiu alguma diferença de tratamento entre ela e seus colegas homens na faculdade, respondeu que acredita que por ser uma referência no curso, mantinham respeito para com ela, mas não descartou que tal fato tenha acontecido nas turmas anteriores.

Figura 2: Tania Horta e alguns colegas de turma, 1968.



Fonte: Acervo Tania Horta.

Horta acredita que a luta feminista<sup>2</sup> que tomava o país naquela época influenciou em uma maior equidade de tratamento entre homens e mulheres durante a sua graduação. Embora em sua fala apresente que a população tinha acesso às pautas feministas que aconteciam no Brasil e no mundo, observa-se que havia um certo machismo e uma visão patriarcal sobre as “moças mais liberadas”. Os relatos da arquiteta coincidem com esta cronologia, a partir de descrições a favor da liberdade sexual e da igualdade no mercado:

Nossa turma foi a de transição. 1968 foi o ano da revolução social e comportamental de jovens nas universidades de Paris, com manifestações mundialmente repercutidas. Na Inglaterra, as mulheres fizeram uma revolução contra os *soutiens*. Época da Simone de Beauvoir. Aqui tínhamos a jornalista Carmen Silva, que escrevia na revista *Claudia*<sup>3</sup> sobre a liberação da mulher. A favor da liberdade sexual, igualdade no mercado etc. Eu até dei uma entrevista. Na faculdade as moças mais liberadas eram mal-vistas. Não era comum sexo antes do casamento. No máximo sabíamos de uma ou outra que tinha feito com o namorado firme com quem se casou. Se não se casasse com ele... (HORTA, 2022)

O uso de calças jeans por mulheres era visto com maus olhos na faculdade. A partir de 1965, quando as calouras começaram a usar, foi que Horta e suas colegas de turma sentiram-se à vontade para fazer o mesmo. Em uma foto com as colegas (Figura 3), comenta: “Veja só, todas de saia!” (HORTA, 2022).

Figura 3: Tania Horta e suas colegas de turma, 1968.



Fonte: Acervo Tania Horta.

Tania Horta foi aluna de arquitetos como Marcos Konder Netto (1927–2021), Lucas Mayerhofer (1902-1982), Flávio d' Aquino (1919-1987), Ricardo Menescal (1930-2002), Augusto da Silva Telles (1923-2012), Luiz Paulo Conde (1934-2015) e Roberto Thompson Motta (1930-2019). Foi colega de turma de arquitetos que posteriormente teriam atuação de destaque, como Maurício Roberto, Edmundo Musa, José Tabacow, Haruyoshi Ono, Augusto Ivan e José Nasser Hissa<sup>4</sup>. Em relação à produção de projetos durante a graduação, Horta mencionou que todos os alunos seguiam as tendências da arquitetura moderna nacional: “éramos todos modernos, quem aparecesse com um projeto mais tradicional, era criticado, não era aceito” (HORTA, 2022). Foi estagiária dos arquitetos Roberto Nadalutti e Oscar Valdetaro, especialistas em projetos hospitalares, e no escritório de orçamento de obras do engenheiro Jorge Figueiredo, com quem aprendeu sobre especificações de materiais.

Em 1968, Horta formou-se em arquitetura e urbanismo como a primeira aluna da turma de 1964 (Figura 4). Dos 400 alunos que entraram, 198 concluíram o curso, destes, 51 eram mulheres. Ao final da graduação, chegou a pleitear uma vaga para um curso de urbanismo na França, em parceria com a Embaixada Francesa. As cartas de recomendação do arquiteto Sérgio Bernardes e dos professores Paulo E. N. Pires, Wladimir A. de Souza, Stélio Moraes e Marcos Konder, contribuíram nesse processo, e sua consequente seleção, no entanto, mudanças de estratégias no âmbito da embaixada inviabilizaram a sua participação.

Figura 4: Tania Horta recebendo medalha de ouro pelo seu desempenho durante a graduação.



Fonte: Acervo Tania Horta.

Apesar do desempenho e das experiências adquiridas ao longo da graduação, Horta teve dificuldades em conseguir o seu primeiro emprego, já que muitas empresas colocaram em questão a necessidade de experiência profissional na área. Não teve interesse em abrir escritório próprio, visto a dificuldade de conseguir clientes. Segundo explica, tal caminho tornava-se mais fácil para quem já tinha um familiar que atuava na área.

Ademais, a profissão era de algum modo subestimada, levando a um certo desprezo para com arquitetos recém-formados, como demonstra outro trecho do seu depoimento:

Me formei em 1968, passei em três concursos ou entrevistas, uma delas para ser Analista de Sistemas. Eu seria a primeira mulher a ser admitida nessa empresa, abriram exceção ao ver o meu *curriculum*. Olha só a discriminação! Mas não era fácil. Muitos colegas iam trabalhar representando materiais de construção e outros similares. A arquitetura não era muito prestigiada. Encaravam como um engenheiro de luxo e faziam piadas. Exemplo: arquitetura era para alguém que não era suficientemente homem para ser engenheiro, nem mulher para ser decoradora. (HORTA, 2022)

Em 1969, Horta começou a trabalhar para o Serviço Social da Indústria (SESI). A sede da instituição era no Rio de Janeiro, tinha um setor de arquitetura próprio, responsável pela concepção de projetos para as mais diversas cidades do país, e chegou a contar com uma equipe de 11 pessoas, entre desenhistas-projetistas e arquitetos, como Tania Horta, Mauro dos Guaranys e Carlos Alberto Pingarilho (RIBEIRO; VIDAL, 2022).

A jornada de seis horas de trabalho permitia que Horta continuasse a se dedicar a outras atividades ligadas à arte e a cuidar de sua filha, fruto do casamento de curta duração com um de seus colegas de turma. Sentia-se economicamente segura trabalhando na instituição, além de satisfeita com os fins do órgão, voltados ao trabalhador.

Horta iniciou sua carreira no SESI com a produção de projetos arquitetônicos, interiores, assessorias, diagnósticos, análises, relatórios e estudos técnicos. Entre os anos de 1988 e 1997, foi chefe do Serviço de Arquitetura e Obras do Departamento Nacional (SESI-DN-RJ). Dedicou 36 anos de sua vida à instituição, primeiramente no Rio de Janeiro (1969-1998) e depois em Brasília (1998-2005), quando da transferência da sede para o Distrito Federal.

Dentre suas contribuições para a instituição, a arquiteta considera como as mais relevantes: o projeto arquitetônico do Centro de Atividades em Crato - CE (1973), o Parque Aquático do CEGAD em Taguatinga - DF (1977) e o projeto de interiores do auditório e salão de eventos do sistema CNI em Brasília - DF (2001)<sup>5</sup>. Curiosamente, o projeto do Centro de Atividades do SESI em Crato, o primeiro, é talvez a obra mais relevante de sua carreira.

## O CENTRO DE ATIVIDADES (CAT) DO SESI, CRATO-CE

O projeto de Tania Horta para o CAT do SESI Crato - CE concretiza-se como um importante conjunto para a região do Cariri do Nordeste brasileiro, ao sul do Estado do Ceará. Apesar de integrar o sertão semiárido e o “Polígono das Secas”, a região apresenta boas condições climáticas devido à proximidade com a Chapada do Araripe (ARAÚJO, 2006). Atualmente o Cariri é composto por 28 municípios, com destaque para as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Crato foi uma das primeiras povoações fundadas no Ceará, ainda no século XVII (FARIAS FILHO, 2007). Entre as décadas de 1960 e 1970, a cidade passou por um intenso processo de desenvolvimento e industrialização, com incentivo do governo federal e de instituições norte-americanas (ROCHA, 1988), o que possivelmente justifica a implementação de um CAT do SESI na região.

Para a elaboração do projeto, a arquiteta visitou a cidade algumas vezes para conhecer o local, as condicionantes climáticas e culturais. Sua maior preocupação era conceber um projeto que se inserisse adequadamente na paisagem urbana e aproveitasse a produção e a mão de obra local. Propôs, por exemplo, a substituição de tijolo por módulos de placas de concreto moldado *in loco*, abrindo campo para a contratação também de mão de obra não especializada.

O CAT do SESI em Crato foi inaugurado em 1973. Na imprensa nacional, o conjunto foi noticiado como um dos maiores já construídos pela instituição (LANCE LIVRE, 1973). Sua função era prestar atendimento à saúde e desenvolver atividades educativas, culturais e de lazer para os trabalhadores das indústrias da região. O jornal “**Diário de Notícias**” anunciou a obra como um grande conjunto arquitetônico de “linhas modernas e funcionais”, com uma área construída de 4.280 m<sup>2</sup>, em um terreno de 12.500 m<sup>2</sup> (PRESIDENTE..., 1973). Diante da excepcionalidade do projeto e importância da obra para a cidade, recebeu uma medalha de mérito no evento de inauguração (Figura 5) (RIBEIRO; VIDAL, 2022).

Figura 5: Tania Alves Horta recebendo medalha de mérito durante cerimônia de inauguração do SESI em Crato.



Fonte: Acervo Tania Horta.

O projeto foi publicado pela revista **Arquitetura do Brasil (AB Arquitetura)** em 1979, edição nº 11, cuja temática estava voltada para projetos de esporte e lazer. Dentre os autores dos projetos apresentados pela revista, apenas Tania Horta figura como representante feminina (Figura 6)<sup>6</sup>.

Figura 6: Capa da **Revista AB Arquitetura** nº 11 (esq.) e sumário (dir.).

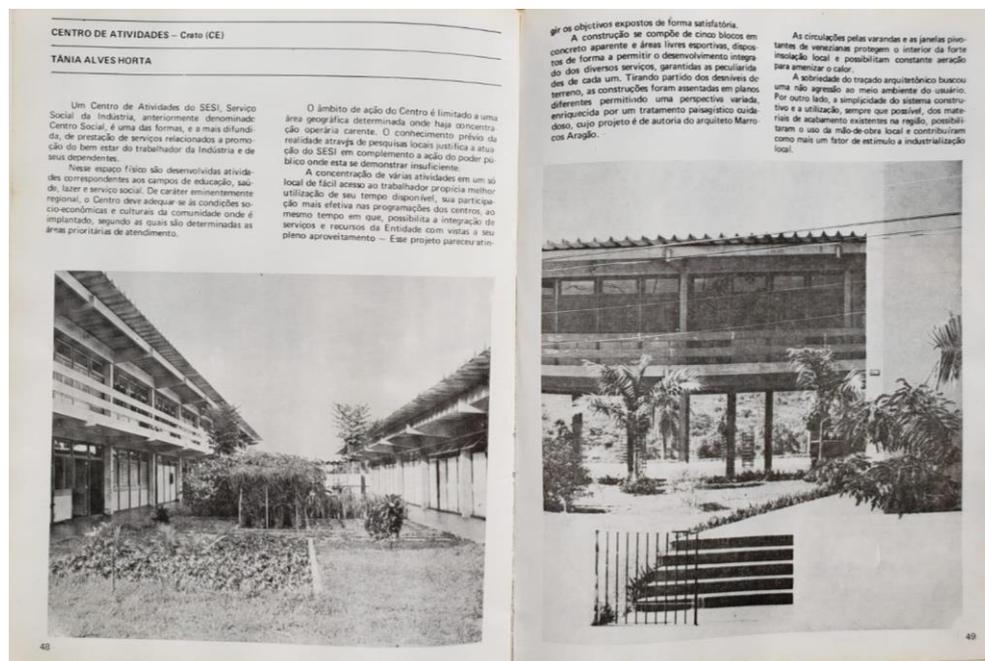


Fonte: Acervo Tania Horta.

Segundo a revista, a concentração das várias atividades em local de fácil acesso ao trabalhador permitia uma participação mais efetiva nas

programações e serviços oferecidos pela instituição, além da integração de serviços e recursos da entidade com vistas ao pleno aproveitamento, e o CAT em Crato teria atingido este objetivo (AB Arquitetura, 1979).

Figura 7: Páginas sobre o CAT do SESI na cidade do Crato - Revista AB Arquitetura, nº 11.



Fonte: Acervo Tania Horta.

A revista destacou como a sobriedade do traçado arquitetônico e o uso dos materiais locais no sistema construtivo e acabamentos, favoreceram a participação da mão de obra não especializada e estimularam a indústria local. Enfatizou ainda a simplicidade do sistema construtivo, flexibilidade, possibilidade de expansão e a concepção modular (AB Arquitetura, 1979).

As programações de um Centro acompanham as tendências de desenvolvimento da comunidade e são portanto dinâmicas, reciclando-se a curto e médio prazo. A flexibilidade é portanto um fator desejado no planejamento deste tipo de construções. Nesse sentido, a concepção modular, dos diversos blocos, a utilização máxima de divisórias removíveis e da alvenaria somente quando exigidas pelas instalações hidrosanitárias possibilitam maior liberdade na reformulação de ambientes. (AB ARQUITETURA, 1979, p. 52)

Ainda que a publicação reconheça a qualidade do projeto, é importante ressaltar que, neste momento, autoria e localização figuram em plano secundário, sendo mencionados apenas na ficha técnica da obra, denotando um interesse que aparentemente está circunscrito ao objeto arquitetônico. No entanto, o conjunto do CAT ocupa um lugar privilegiado na cidade do Crato e na trajetória de Horta.

O CAT está localizado entre duas vias que marcam o fluxo de entrada e saída do município, próximo à rodoviária (1976). O terreno está localizado em uma quadra delimitada pelas Avenidas Padre Cícero e Perimetral Dom Francisco e ruas Leandro Vieira e Álvaro Peixoto (Figura 8).

Figura 8: Implantação do edifício na malha urbana e a distribuição e setorização dos blocos no terreno.



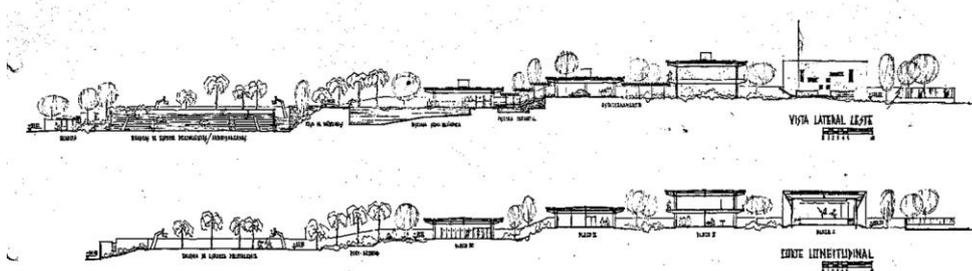
- |   |                         |                              |
|---|-------------------------|------------------------------|
| <b>01 - Auditório</b>                         | <b>03 - Bloco Saúde</b> | <b>05 - Serviço</b>          |
| <b>02 - Bloco de Administração e educação</b> | <b>04 - Bloco Lazer</b> | <b>06 - Quadra esportiva</b> |

Fonte: Imagem de satélite, Google Earth, editada pelas autoras, em 2022.

O conjunto estava composto por cinco blocos com diferentes funções: auditório, administração e educação, atendimentos da área de saúde (ambulatórios médicos), atividades de lazer e serviços. Contava com piscina semiolímpica, infantil, quadra poliesportiva, *playground* e estacionamento. O acesso principal ocorria pela Av. Padre Cícero, próximo dos setores de saúde, educação e ao auditório. O segundo acesso, pela Av. Perimetral, próximo do setor esportivo, era mais usado durante os finais de semana, por ocasião de competições ou atividades esportivas.

Aproveitando a topografia irregular do terreno, os blocos, a piscina semiolímpica, o *playground* e as quadras esportivas foram dispostos em planos diferentes, de forma a permitir melhor acomodação à declividade do terreno, resultando em uma perspectiva dinâmica, mas de unidade do conjunto. As circulações entre os blocos e seus entornos foram enriquecidas pelo projeto paisagístico, de autoria do arquiteto Marcos Aragão.

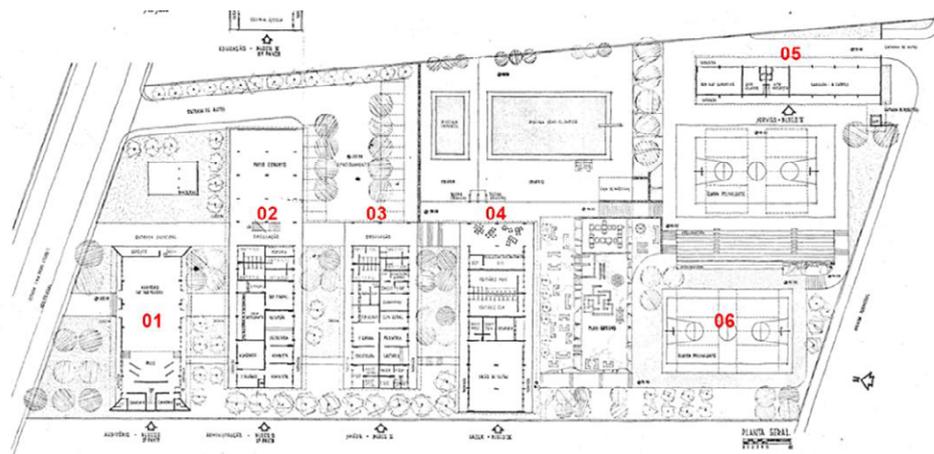
Figura 9: Cortes longitudinais com distribuição dos blocos em níveis diferentes.



Fonte: Acervo Tania Horta.

No projeto, apenas as empenas e paredes destinadas a instalações hidrossanitárias são em alvenaria. Propôs-se divisórias internas removíveis para a delimitação dos demais ambientes, o que caracteriza a solução de planta livre. A Figura 10 apresenta a planta baixa geral do complexo, na qual é possível visualizar a lógica de distribuição do conjunto.

Figura 10: Planta baixa geral do complexo do SESI em Crato.



- |   |                         |                              |
|---|-------------------------|------------------------------|
| <b>01 - Auditório</b>                         | <b>03 - Bloco Saúde</b> | <b>05 - Serviço</b>          |
| <b>02 - Bloco de Administração e educação</b> | <b>04 - Bloco Lazer</b> | <b>06 - Quadra esportiva</b> |

Fonte: Acervo Tania Horta.

O auditório (bloco 01) apresenta o formato de um prisma retangular, em concreto armado aparente. O pavimento térreo é destinado à recepção de um público de até 360 pessoas e ao palco, o subsolo para as atividades de serviço e camarins. As fachadas laterais são fechadas em alvenaria, com empenas cegas, enquanto as frentes são compostas por um frontão em concreto aparente e fechamento com esquadrias em alumínio e vidro (Figura 11-A). De todo o conjunto, o auditório recebeu melhor acabamento estético, tanto externamente, quanto em seu interior, com uma estrutura em painéis laterais e forro de madeira para tratamento acústico e iluminação (Figura 11-B). O projeto de tratamento acústico foi de autoria do arquiteto Roberto Thompson Motta.

Figura 11: Fachada lateral com fechamento em alvenaria e fachada frontal com fechamento em esquadria de alumínio e vidro no auditório (A); Interior do auditório (B).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O bloco 02 é o único que apresenta dois pavimentos (Figura 12). A circulação horizontal no pavimento superior ocorre por varandas laterais formadas pela extensão da laje, protegidas pelo beiral aparente em telha de fibrocimento. Há uma evidente hierarquia entre esse bloco e os demais: além de estar no nível mais alto do terreno, e apresentar maior comprimento e altura, a chegada é marcada por um grande pátio coberto, com a estrutura de pilares e vigas aparentes, de onde se pode ter a vista de todo o conjunto. As circulações pelas varandas no segundo pavimento e as janelas pivotantes de venezianas protegem o interior da forte insolação local e possibilitam constante aeração (AB ARQUITETURA, 1979).

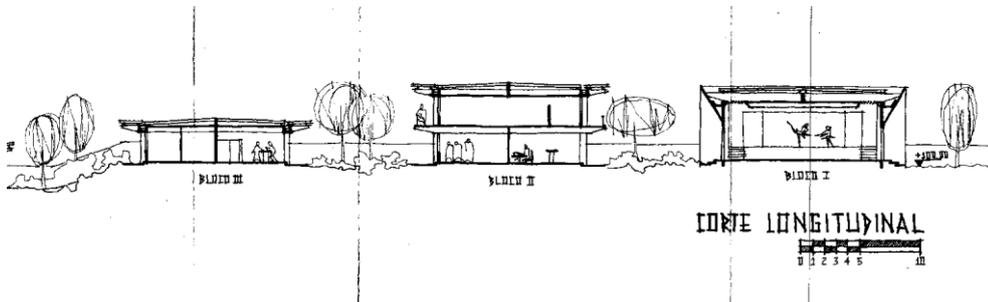
Figura 12: Fachada principal bloco 02



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Os demais blocos apresentam a mesma configuração formal e estrutural do bloco 02, mas com apenas um pavimento, embora apresentem estrutura condizente para ampliação vertical, caso fosse necessário. No trecho do corte longitudinal (Figura 13) pode-se observar a distribuição dos blocos no terreno e a estrutura portante como principal delimitadora da forma.

Figura 13: Recorte do corte longitudinal dos blocos 01 (auditório), 02 (administração e educação) e 03 (saúde).



Fonte: Acervo Tania Horta, editado pelas autoras.

Nos blocos 02, 03 e 04, a concepção modular e a utilização máxima de divisórias removíveis foram fundamentais para garantir a flexibilidade da edificação, possibilitando maior liberdade na reformulação dos ambientes (AB ARQUITETURA, 1979).

Com o objetivo de proporcionar ventilação constante nos ambientes, protegendo-os da incidência solar e aproveitando a iluminação natural, os fechamentos laterais são em janelas com venezianas pivotantes e portas com veneziana. Para maior proteção térmica, a arquiteta optou por usar o vidro apenas nas janelas basculantes dispostas acima das portas e janelas, que vão até a altura da viga, seguindo uma modulação de 1,20m (Figura 14).

Figura 14: Fechamento lateral em esquadrias de madeira.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Cabe ressaltar a aproximação dessas soluções com uma arquitetura concebida em função da racionalidade construtiva, em voga no país desde 1950, com a industrialização da construção civil. As soluções empregadas no Centro de Atividades do Sesi em Crato permitem estabelecer pontos de contato disciplinares entre outras obras realizadas entre as décadas de 1960-1970, como: a hierarquia entre blocos, a preferência pela solução em “planta genérica”, o emprego quase exclusivo do concreto armado, predominância de cheios sobre os vazios, rugosidade dos materiais e a ênfase no didatismo e clareza da solução estrutural (BASTOS; ZEIN, 2010). Verifica-se, ainda, o alinhamento da experiência de pré-fabricação de componentes e o rigor na modulação, que são algumas das características presentes na arquitetura nacional dos anos seguintes à Brasília

Em 2010, as atividades do CAT Sesi Crato foram encerradas e concentradas no núcleo de Juazeiro do Norte. Em 2011, o conjunto foi a leilão (PRÉDIOS...2011) e adquirido pelo Governo do Estado do Ceará. Em 2017, integrado à Universidade Regional do Cariri (URCA), passou a abrigar o seu Centro de Artes (RODRIGUES, 2017). Apesar dos quase 50 anos desde sua inauguração e das mudanças de uso, o conjunto aparentemente não sofreu grandes alterações, possivelmente em função dos princípios de flexibilidade e dos materiais selecionados pela autora, adequados ao lugar. Equipamentos como a piscina e quadras esportivas estão desativados, necessitando de reparos e manutenção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Correlacionando as duas perspectivas de margens – a invisibilidade feminina e o lugar da produção –, o estudo de caso apresentado não autoriza generalizações, uma vez que se trata de uma experiência pontual da arquiteta e de um edifício que não dá conta de explicitar a complexidade dos processos de “difusão” da arquitetura moderna para além dos grandes centros, sobretudo no período após 1960. No entanto, contribui para os estudos de revisão da historiografia da arquitetura moderna brasileira, na medida em que evidencia o quão complexa é a tarefa de lidar com as duas temáticas ainda marginais.

Para isso, o instrumento das entrevistas e o contato com as profissionais – ainda possível – parece se colocar como um caminho favorável ao avanço de estudos dessa natureza. Os relatos de Tania Horta, por exemplo, se aproximam de questões abordadas pelas entrevistas coletadas por Adame (2016), com arquitetas formadas em Salvador entre 1936 e 1969, tais como a esfera pública como importante área de atuação profissional e a não identificação de discriminação de gênero durante a graduação.

Sobre o segundo ponto, é importante contextualizar os aspectos geracionais no que diz respeito à cultura do machismo, temática que merece ser aprofundada em estudos futuros e necessariamente se apoiar em fontes para além da história oral.

Sobre a atuação na esfera pública e paraestatal, a experiência de Horta reforça a indicação de que a procura por concursos públicos se apresentava como uma fonte de estabilidade financeira, necessária para a mulher que acumulava funções entre o trabalho e o cuidado com os filhos e a casa.

A atuação junto ao SESI proporcionou a Horta a possibilidade de desenvolver diversos projetos, dentre os quais o Centro de Atividades do Crato-CE. Em 1979, a revista **AB Arquitetura** apresentou este projeto ao público especializado. Se esta aparição pontual da arquiteta não foi capaz de revelar a abrangência de suas atividades, este artigo buscou, no âmbito acadêmico, retirar a sua trajetória do anonimato.

Abre-se, como consequência, um horizonte para novas pesquisas que contemplem a produção de arquitetas em repartições públicas e entidades paraestatais. Se as relações entre Estado e arquitetura moderna já foram abordadas pela historiografia (MARTINS, 1987; SEGAWA, 1998; CAVALCANTI, 2006), a participação feminina, a exemplo das contribuições de figuras como Carmem Portinho, merece ser melhor investigada.

Para finalizar, levantam-se algumas inquietações. Seria Tania Horta um caso isolado de mulher arquiteta com atuação no âmbito do SESI ou existiram outras arquitetas que precisam ser visibilizadas? Qual seria, ainda, a contribuição do sistema FIEP/SESI/SENAI para a “difusão” da arquitetura moderna fora dos grandes centros do país? Nessa perspectiva, o estudo de caso sinaliza o potencial de investigação sobre o acervo arquitetônico existente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à arquiteta Tania Horta pelo apoio e disponibilidade, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB ARQUITETURA. Centro de atividades – Crato (CE). **Arquitetura Brasileira –** Esporte e lazer, Rio de Janeiro, nº 11, p. 48-53, 1979.

ADAME, T. **Nenhuma a menos:** ampliando a história da arquitetura moderna em Salvador (1936-1969). 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2020.

ARAÚJO, I. M. de. **Os novos espaços produtivos:** relações sociais e vida econômica no cariri cearense. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil:** Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAVALCANTI, L. A. P. **Moderno e brasileiro.** A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

COTRIM, M. Clareza compositiva e a herança moderna brasileira. O caso do edifício da FIEP em Campina Grande. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 130.04, Vitruvius, mar. 2011. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.130/3787>>. Acesso em jun. 2022.

FARIAS FILHO, W. A. de. **Crato:** evolução urbana e arquitetura (1740-1960). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FONTES, M. L. **Mulheres invisíveis:** a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

HORTA, T. A. Tania Alves Horta: Depoimentos [jun.- out. 2022]. Entrevista cedida a Autora, meio eletrônico, 2022.

LANCE LIVRE. **Jornal do Brasil (RJ)**. Rio de Janeiro, p. 1-58, fev. 1973. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=%22SESI%20EM%20CRATO%22&pagfis=2559](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22SESI%20EM%20CRATO%22&pagfis=2559). Acesso em jun. 2022.

LIMA, A. G. G. Arquitetas na América Latina do Século XX. In: 13º Seminário DOCOMOMO Brasil-Arquitetura Moderna Brasileira, 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil, BA, 2019.

MARTINS, C. A. F. **Arquitetura e Estado no Brasil:** elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

MARTINS, É. M. de B. **Rompendo silêncios:** Visibilizando as mulheres arquitetas a partir da trajetória de Nícia Paes Bormann. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

NASLAVSKY, G. o Nordeste na historiografia da arquitetura moderna Nacional. In: 5º Seminário DOCOMOMO Norte/Nordeste. 2014, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

NASLAVSKY, G.; SILVA LINS, R.; VALENÇA, M. L. R. M. Os Saberes localizados da prática das Arquitetas no Nordeste brasileiro. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 107–127, 2021.

NASLAVSKY, G. GATÍ, A. **Brasil, Nordeste, mulheres arquitetas:** migrações, regionalismo, gênero. Recife: Ed. UFPE, 2021.

PAIVA, R.; CERETO, M.; TEIXEIRA, L. de V. Severiano Porto e Eladio Dieste em Fortaleza. Clube do Trabalhador e Escola de Música do Sesi (1977-2019) in memoriam. **Arquitextos**, São Paulo, ano 21, n. 247.00, Vitruvius, dez. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7973>. Acesso em nov. 2022.

PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. Caminhos da arquitetura moderna em Fortaleza: a contribuição dos Arquitetos José e Francisco Nasser Hissa. In: 4º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. **Anais [...]**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PORTO, A. H. G. **Arquitetas no Recife:** uma leitura de gênero das parcerias entre casais de arquitetos formados na década de 1960. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

PRÉDIOS do Sesi/Senai vão a leilão. 2011. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/região/predios-do-sesi-senai-vaio-a-leilao-1.685068>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PRESIDENTE do Sesi vai ao Nordeste e inaugura novos centros sociais. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 15.408, p. 2, 24 fev. 1973. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718\\_05&pesq=SESI&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=23411](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_05&pesq=SESI&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=23411). Acesso em nov. 2022.

QUEIROZ, F. J. C. de. **Padres, coronéis e ativistas sociais: o cariri à época da usurpação militarista - 1964-1985**. 2010. 351 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

RIBEIRO, Hévilá R. C. VIDAL, Wylinna. O sertão também é moderno: o edifício do SESI em Crato - Ceará, Brasil. In: 9º Seminário DOCOMOMO N/NE. **Anais [...]**. São Luís: UNDB, 2022.

ROCHA, E. E. **Industrialização no interior do Ceará: experiências em ambientes planejados**. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1988.

RODRIGUES, Antônio. Centro de Artes da URCA passa a ocupar antigo prédio do SESI a partir desta semana. **Diário do Nordeste**, Juazeiro do Norte, 21 nov. 2017. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/crato/centro-de-artes-da-urca-passa-a-ocupar-antigo-predio-do-sesi-a-partir-desta-semana/17745>. Acesso em fev. 2023.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900 - 1990**. 1ª edição, São Paulo: EdUSP, 1998.

WAISMAN, M. **O interior da história: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WRIGHT, G. "On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture". 1977, p. 290 -306. In: \_\_\_\_\_. **The Architect: Historical Essays on the Profession**. New York: Oxford University Press, 1976. cap. 10, p. 280-360.

## NOTAS

---

**1** Desde o primeiro contato, Tania Horta mostrou-se surpresa com o interesse da pesquisa sobre seu projeto para o CAT SESI em Crato, considerado por ela um dos mais relevantes de sua produção. Sobre sua formação e carreira, os depoimentos foram coletados através de conversas periódicas realizadas desde junho de 2022.

**2** Segundo Fontes (2016), o movimento feminista teve início no Brasil a partir de 1919 e tomou força com a criação da Federação Brasileira do Progresso Feminino – FBPV (1922), fundada pela Dra. Bertha Lutz e Chapman Catt no Rio de Janeiro. A entidade foi precursora de diversas iniciativas pela emancipação e inserção acadêmica, especialmente nos anos 1920 e 1930. A intensa campanha pelo voto feminino foi atendida pela Revolução de 1930. A década de 1960 foi importante para as lutas femininas no contexto ocidental, as mulheres pela primeira vez falavam diretamente sobre gênero e relações de poder. No Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, além do levantamento de bandeiras feministas, uma parte dos grupos também estava comprometida com a oposição à ditadura militar.

**3** Sobre a importância das revistas femininas na formação do gosto e comportamentos desejáveis, ver Pinsky (2014).

**4** José Nasser Hissa (1944), e seu irmão, Francisco Nasser Hissa (1949), nasceram em Fortaleza e formaram-se pela FAU-UFRJ, em 1968 e 1971, respectivamente. Em 1970, passaram a atuar em Fortaleza. A fase inicial da produção dos arquitetos, compreendida entre as décadas de 1970 e início de 1980 apresenta vínculos com os princípios da arquitetura moderna então vigentes, com ajustes às especificidades da cultura arquitetônica local (PAIVA; DIÓGENES, 2013).

**5** O projeto de interiores do auditório e salão de eventos do sistema CNI em Brasília, concorreu na III Bienal Internacional de Arquitetura (2001) e na premiação anual do IAB/RJ (2001).

**6** Segundo o editorial da edição, a revista AB Arquitetura era editada por Ulysses Burlamaqui, no Rio de Janeiro.